

I CONGRESSO DO BOMBO

28 e 29 Novembro 2015 – Aula Magna, Lisboa

27 – Painel 2 parte 2 – Clementina Henriques

Bem sobre a adaptabilidade eu diria assim, a realidade é dinâmica por isso também as nossas atividades e funções são dinâmicas, mas há uma identidade e essa identidade é intrínseca e tem que perdurar, é isso que define a própria organização, e relativamente ao bombo e relativamente aos Tocá Rufar eu digo a identidade dos Tocá Rufar é a música que me arrepia e me faz chorar e é assim que eu gosto deles. É essa identidade que me faz correr e me faz vibrar e, adaptabilidade na justa medida da afirmação e reafirmação da sua identidade enquanto projeto social que é. No que respeita à sustentabilidade, eu penso que também aqui a identidade tem que perdurar, e muito, como a Maria disse, muito daquilo que são os objetivos estão conseguidos e também aqui não há que mudar para a ideia do negócio, do negócio rentável, a sustentabilidade requer justamente que as entidades, que as organizações sejam equilibradas, depois os resultados gerados, e porque não resultados, e porque sim, porque devem ser resultados positivos, a única diferença é que não são para apropriação privada são para a própria organização, e aqui coloca-se efetivamente como conciliar essa sustentabilidade financeira, com, e que enquadra 2 dinâmicas, a dinâmica de voluntariado, e a dinâmica profissional, e todo o profissional tem que ser remunerado, naturalmente. E o que é que nós pensamos o que é que nós a confederação das coletividades pensa relativamente a isso.

1º É que desenvolver o mais possível estudos desta, sobre estas organizações que provem e que comprovem a sua função ao nível da inclusão social, ao nível da educação, ao nível do aprofundamento das dinâmicas inter geracionais, ao nível do envelhecimento ativo, ao nível do desenvolvimento, eu já vou para além da economia pura e dura, mas vou naquilo que respeita a economia enquanto dinâmica de desenvolvimento, porque é isso que nós queremos. E na justa medida em que nós conseguirmos provar e demonstrar o nosso valor, coletivamente, estamos em condições de exigir dos poderes públicos nomeadamente do poder público central, que olhe para a cultura como uma função social, e que contemple as atividades da cultura e as organizações da cultura com verbas do orçamento geral do estado, pensamos que a cultura merece, a cultura precisa, e assim nós vamos lá.